Apresentação

MARIA THERESA DA COSTA BARROS

Tornar-se negra

Aderaldo Gil

(em lembrança a Neusa Santos)

Morreu em 20 de dezembro de 2008

Quem escreveu Tornar-se negro

A notícia veio-me

Pelo celular

Estava eu em Copacabana

Ouvindo samba bacana

De qualidade...

Quando recebi a notícia triste

As lágrimas chegaram aos olhos

Como chega pra nós a noite

Quando o dia se vai...

Foi-se Neusa Santos

Guerreira antirracista

Mulher pioneira

Com gentileza e firmeza

De mulher negra

Nos ensinou as entranhas do racismo...

Foi-se feito pássaro

Voou para um mundo

Que ainda não conheci

Deixou rastro de sabedoria

E de luta...

Sua presença permanecerá acesa

Guiando gerações

Que tomam na mão

A difícil tarefa

De abrir os caminhos

Contra este mal

Que existe pelo nome

De discriminação.

(ADERALDO GIL, Vila Isabel, 21.12.2008,

apud NASCIUTTI, 2024).

“O NEGRO BRASILEIRO QUE ASCENDE socialmente não nega uma presumível identidade negra. Enquanto negro, ele não possui uma identidade positiva, a qual possa afirmar ou negar. É que, no Brasil, nascer com a pele preta e/ou outros caracteres do tipo negroide e compartilhar de uma mesma história de desenraizamento, escravidão e discriminação racial não organizam, por si só uma identidade negra.

Ser negro é, além disso, tomar consciência do processo ideológico que, através de um discurso mítico acerca de si, engendra uma estrutura de desconhecimento que o aprisiona numa imagem alienada, na qual se reconhece. Ser negro é tomar posse dessa consciência e criar uma nova consciência que reassegure o respeito às diferenças e que reafirme uma dignidade alheia a qualquer nível de exploração.

Assim, ser negro não é uma condição dada, a priori. É um vir a ser. Ser negro é tornar-se negro.

Tornar-se negro, portanto, ou consumir-se em esforços por cumprir o veredito impossível – desejo do Outro – de vir a ser branco, são as alternativas genéricas que se colocam ao negro brasileiro que responde positivamente ao apelo de ascensão social.

A possibilidade de construir uma identidade negra – tarefa eminentemente política – exige como condição imprescindível a contestação do modelo advindo das figuras primeiras – pais ou substitutos – que lhe ensinaram a ser uma caricatura do

branco. Rompendo com esse modelo, o negro organiza as condições de possibilidade que lhe permitirão ter um rosto próprio.

A outra alternativa, possibilidade impossível, em última instância, frágil utopia que reduz o negro a se modelar segundo o figurino do branco, é aquela que, ao acentuar-lhe como um ideal inalcançável, engendra no negro uma ferida narcísica por não cumprir esse ideal.

Essa ferida narcísica e os modos de lidar com ela constituem a psicopatologia do negro brasileiro em ascensão social, e têm como dado nuclear uma relação de tensão contínua entre superego, ego atual e ideal do ego. Em nível clínico, essa relação de tensão toma o feitiço de sentimento de culpa, de inferioridade, defesa fóbica e depressão, afetos e atitudes que definem a identidade do negro brasileiro em ascensão social como uma estrutura de desconhecimento/reconhecimento.

Essa identidade, que em tudo contraria os interesses históricos e psicológicos do negro, tem sido uma tradição na história do negro brasileiro em ascensão social. Entretanto, a construção de uma nova identidade é uma possibilidade que nos aponta essa dissertação, gerada a partir da voz dos negros que, mais ou menos contraditória ou fragilmente, batem-se por construir uma identidade que lhes dê feições próprias, fundada, portanto, em seus interesses, transformadora da história – individual e coletiva, social e psicológica” (SOUZA, 1983/2021, p. 115-116).

Neusa Santos Souza – ao tecer suas conclusões sobre *Tornar-se Negro Ou As vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social* (1983) – sobe, junto com Virgínia Bicudo e Lélia Gonzalez, para o panteão das pioneiras que ergueram a bandeira do debate sobre o racismo estrutural. Tudo isso, numa época em que essa problemática ainda não havia sido incorporada pelo discurso psicanalítico tampouco pelo discurso da reforma psiquiátrica! Essa publicação se constituiu em uma marca de sua trajetória e, à qual seu nome ficou, indubitavelmente, associado até os dias atuais!

Neste segundo número da *Conversando com Amigos da Psicanálise. Homenagem a uma Psicanalista de Destaque no Cenário da Psicanálise Brasileira: Neusa Santos Souza* – nossa homenageada está na foto da capa, ao lado da psicanalista, psiquiatra libertária e sua grande amiga Ana Rocha¹, com quem veio

1. ROCHA, Ana. Psicanalista e Psiquiatra – também baiana, grande amiga de Neusa San-

da Bahia para o Rio de Janeiro, na década de setenta. Neste segundo número escolhemos Neusa Santos Souza como nossa psicanalista homenageada porque nosso propósito é reparar uma dívida simbólica que a Psicanálise Brasileira contraiu com Neusa Santos Souza, cujo reconhecimento tanto em vida quanto após a sua morte, em vinte de dezembro de 2008, há dezessete anos, esteve sempre muito aquém de seu legado.

Neusa Santos Souza colocou uma questão que estava muito à frente de sua época, e foi necessário esperar, quase meio século, para a Psicanálise Brasileira se apropriar deste debate. Sem sombra de dúvida, ela foi a primeira psicanalista brasileira a se perguntar: é possível um discurso sobre uma Psicanálise Brasileira que não inclua o racismo estrutural como uma problemática imperativa tanto para os psicanalistas brasileiros negros e não negros quanto para uma clínica psicanalítica? Mas só muito recentemente, constatamos a eclosão dessa problemática e um movimento em direção à construção de uma metapsicologia sobre o sofrimento dos negros brasileiros², referencial teórico indispensável para quem se propõe a tratar das feridas narcísicas, oriundas da discriminação racial.

Neusa Santos Souza sempre adotou uma posição afirmativa em seu percurso, em todas as questões sobre as quais se debruçou tanto em seus livros quanto ao escrever seus artigos, seja se apresentando em colóquios ou ao dar entrevistas³, sua contribuição original, relevante e com um brilho próprio, era sempre cristalina tanto para uma reflexão teórica quanto clínica. Assim, não é surpreendente que, ao adotar um referencial conceitual privilegiando o campo freudolacaniano e estendendo seu olhar para a clínica psicanalítica das psicoses, incorporando ao seu pensamento tanto o sofrimento oriundo do racismo quanto o sofrimento oriundo das doenças mentais, ambos surjam como mercedores da mesma atenção e cuidado. Então,

tos Souza, sendo uma psicanalista e psiquiatra libertária, fundadora da TOCA: Oficina Terapêutica de Criação Artística, cujo primeiro emprego foi também no Centro Psiquiátrico Pedro II (CPP II).

2. NOGUEIRA, Isildinha Baptista. *A cor do inconsciente: significações do corpo negro*. São Paulo: Perspectiva, 2021.

3. SOUZA, Neusa Santos. Só e Bem Acompanhada, Entrevista realizada por Adriana Salgado, Cristina Duba, Inês Lamy e Marta Rezende Cardoso, publicada na *Cadernos de Psicanálise da Sociedade de Psicanálise da Cidade do Rio de Janeiro* (SPCRJ), 1990.

alguns anos depois de *Tornar-se Negro* (1983), publica o livro, *A Psicose: Um estudo lacaniano* (1990) – que, segundo as palavras da psicanalista Isildinha Baptista Nogueira: “É o melhor livro sobre Psicose que já li, da Neusa Santos Souza. Uma Maravilha!”⁴

Nesse livro ela aborda questões fundamentais e que dizem respeito ao campo no qual escolheu atuar clinicamente. No início, institucionalmente, tendo ingressado concursada no Centro Psiquiátrico Pedro II (CPP II), instituição da qual saiu e, cuja a experiência parece ter contribuído para preferir clinicar exclusivamente em seu consultório particular. A partir de então, Neusa não quis mais saber de vínculos institucionais orgânicos e oficiais, mas tinha livre trânsito por várias sociedades psicanalíticas, onde ministrava seminários diversos. Um estilo próprio e singular, inventado e adotado por ela e, que ficou bem nítido na entrevista – *Só e bem acompanhada* (1990).

Dentre os seus trabalhos publicados destacamos os que se seguem e, dos quais escolhemos dois, para mais uma vez ainda... publicarmos, em sua homenagem:

- *Tornar-se Negro Ou As vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social* (1983), prefácios de Maria Lúcia da Silva e Jurandir Freire Costa, 1983/2021.
- *Algumas Reflexões sobre um Projeto Alternativo de Psicoterapia* (1984), artigo de periódico, assinado por Jurandir Freire Costa, Paulo Duarte de Carvalho Amarante, Benilton Carlos Bezerra Jr., Elizabeth Adler, Neusa Santos e Souza e Luís Alberto Helsinger como profissionais da área de Saúde Mental do Centro Psiquiátrico Pedro II (CPPII);
- *A Psicose: um estudo lacaniano* (1990/2021), livro de sua autoria;
- *Só e Bem Acompanhada*, Entrevista realizada por Adriana Salgado, Cristina Duba, Inês Lamy e Marta Rezende Cardoso, publicada na *Cadernos de Psicanálise da Sociedade de Psicanálise da Cidade do Rio de Janeiro* (SPCRJ), 1990;

4. NOGUEIRA, Isildinha Baptista. Participação no Grupo de Estudos e Pesquisas: Conversando com Amigos da Psicanálise, 06 de junho de 2025. Disponível em: <www.cprj.com.br>.

- *A Ciência e a Verdade: Um Comentário* (1996), livro publicado com Ana Beatriz Freire e Francisco Leonel Fernandes;
- *O estrangeiro: nossa condição*. In: Koltai, Caterina (Org.). *O estrangeiro*. São Paulo: Escuta, 1998;
- *O Eu e o Sujeito: Ressentimento, culpa e responsabilidade* (1996), artigo publicado na *Cadernos de Psicanálise do Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro*, n.15, ano 2002 (2002);
- *O Objeto da Angústia*, livro que organizou com Maria Silvia Hanna, no qual publica um artigo: *A angústia da experiência analítica* (2005);
- *Contra o racismo: com muito orgulho e amor*. *Correio da Baixada*, 13 maio 2008;

Além dessas e de outras publicações, durante um período de dez anos, Neusa dedicou-se a ministrar seminários teórico-clínicos sobre a problemática das psicoses no Casa Verde⁵.

Entretanto, é importante registrar, que por ocasião da publicação de seu primeiro livro, Neusa fez um pedido ao Jurandir, após a leitura de *História da Psiquiatria no Brasil, um corte ideológico* (1980), que escrevesse o prefácio de *Tornar-se Negro*, tendo seu pedido sido prontamente aceito (PENNA, 2019, p. 63-64). Com este livro, publicado em 1983, como já apontamos, Neusa Santos Souza entra para o rol das pioneiras sobre a discussão do racismo estrutural, uma problemática, até então, completamente foracluída do campo psicanalítico brasileiro e, que só por volta da segunda década do século seguinte – muito em função dos avanços políticos e das conquistas do próprio movimento negro, tanto no Brasil quanto nos Estados Unidos – tal questão não pôde mais continuar a ser ignorada pela Psicanálise Brasileira.

No entanto, na década de oitenta, tanto a Psicanálise quanto os psicanalistas brasileiros, sobretudo, estavam mais preocupados em conhecer as escolas de psicanálise europeias e norte-americanas. Mesmo se tomarmos os primórdios da psicanálise, fundada na virada do século dezenove para o século vinte, em Viena, por Freud – que sofreu implacável perseguição durante o nazismo de Hitler na Alemanha, nem mesmo esse fato sensibi-

5. CASA VERDE. Hospital-dia inspirado na experiência de *La Borde*, o qual funciona no bairro de Botafogo, Rio de Janeiro, RJ.

lizou os psicanalistas brasileiros para a problemática do racismo estrutural como uma questão fundamental na formação sócio-histórica e cultural do Brasil, e, por conseguinte, uma questão presente nas formas de subjetivação de todo brasileiro, tanto o brasileiro negro quanto o brasileiro não negro. Mas, na época em que Neusa apontou para a ferida narcísica do negro em ascensão social, isto não ecoava, não despertava atenção e não houve um reconhecimento à altura por seus pares – um não reconhecimento até os dias atuais – deste seu legado para a construção de uma Psicanálise Brasileira.

Entretanto, naquele momento, foi no movimento negro e na militância que Neusa pôde encontrar um lugar onde suas questões reverberavam, tinham repercussão e surtiavam efeito, despertando real interesse por parte daqueles que a escutavam e percebiam a importância do que dizia. Assim, foi no Instituto de Pesquisa das Culturas Negras – IPCN, que havia sido fundado em 1976, o qual ela frequentava desde sua chegada ao Rio – e foi em sua própria sede, na Lapa, Rio de Janeiro, que ela escolheu fazer o lançamento de seu livro *Tornar-se Negro*, em 1983 (apud PENNA, 2019, p. 61). Depois, temos notícias de sua atuação no Instituto de Pesquisas e Estudos Afro-Brasileiros (IPEA-FRO) quando, entre 1984 e 1986, ela ministra um encontro do curso “Conscientização da Cultura Afro-Brasileira”, realizado na PUC-SP e na UERJ.

Em 1985, temos registro de que ela realizou uma palestra acompanhada de outros palestrantes como Abdias Nascimento, Beatriz Nascimento, Muniz Sodré, Nei Lopes e Lélia González, sobre “Identidade Negra e Ascensão Social do Brasil”, no dia dezoito de junho, no Rio de Janeiro.⁶

Com toda esta trajetória brilhante, quem poderia supor o que iria suceder, no dia vinte de dezembro de 2008. Como diz Milton Nascimento, *Amigo é coisa para se guardar do lado esquerdo do peito*. É isto que fez Aderaldo Gil e fizeram outros tantos amigos de Neusa Santos Souza. E se, no primeiro tempo da poesia *Tornar-se negra*, Aderaldo Gil compartilha conosco sua tristeza quando da perda de uma intelectual do porte de Neusa, no segundo tempo nos aponta um caminho para seguir os *rastros de sabedoria e luta daquela guerreira antirracista*.

Portanto, como amigos da psicanálise que somos, queremos nos retratar, enquanto psicanalistas brasileiros negros e não negros, e procurar, com esse

6. *Revista Afrodiaspórica*, v. 6 e 7, de 1985 (apud PENNA, 2019, p. 61).

gesto de homenagem, saldar uma dívida simbólica de quarenta e dois anos que a Psicanálise Brasileira contraiu com a psicanalista Neusa Santos Souza e com as perguntas que formulou. Assim, convidamos tanto psicanalistas quanto uma cientista social, brasileiros negros e não negros, para prestarem, em nome de todos nós amigos da psicanálise, suas palavras homenageando essa pioneira que voou como pássaro e nunca cedeu sobre suas questões, estas mesmas que só hoje estão sendo incorporadas pela Psicanálise Brasileira e, por todos nós psicanalistas brasileiros negros e não negros.

Nossos convidados são os seguintes: Ana Beatriz Freire; Benilton Bezerra Jr; Isildinha Baptista Nogueira; Jurandir Freire Costa; Luiza Freire Nasciutti; Kwame Yonatan Poli dos Santos e William Pereira Penna, na primeira seção de palavras de homenagem, e Carmen Da Poian; Luiza Moura, Neusa Santos Souza e Rosa Jeni Matz, na segunda seção de tema livre.

Palavras de Homenagem

Ana Beatriz Freire e Luiza Freire Nasciutti, em *Neusas, os discursos e suas vozes*, nos presenteiam com um depoimento muito especial. Ana Beatriz e Neusa foram além de amigas e psicanalistas, autoras de trabalhos em comum, também comadres. Neusa foi madrinha de Luiza, que cresceu, tornou-se cientista social, escrevendo sua tese de Doutorado sobre sua madrinha: *Tornar-se Neusa: Raça, memória e subjetividade a partir da trajetória e obra de Neusa Santos Souza* (2024). Por isso mesmo afirmaram o seguinte:

Falar de Neusa Santos Souza é muito difícil para nós. Por que falar de Neusa após 17 anos de sua morte é quase um desafio? Talvez porque não haja distância ainda para isso ou porque há, no *a posteriori*, anos e afetos demais ainda não elaborados.

Mas, o resultado desse esforço foi uma preciosa e emocionada homenagem à Neusa e sua obra, generosamente compartilhada conosco!

Benilton Bezerra Jr., em *Memórias de uma conversa interrompida: Neusa Santos Souza e a solidão do pioneirismo*, nos transmite toda a sua perplexi-

dade diante da forma como Neusa escolheu partir, provocando sentimentos díspares e incompreensíveis. A homenagem de Benilton é, antes de tudo, o testemunho de alguém que teve o privilégio de fazer parte de um grupo muito seleta, que Neusa costumava chamar de seus pares e amigos, que compartilhavam da intimidade de sua casa e de momentos diversos do seu trabalho e da sua vida.

Benilton destaca que em um dos últimos escritos de Neusa – em maio de 2008, data que antecedeu em apenas alguns meses, sua partida, em vinte de dezembro de 2008. Ao escrever para o Correio da Baixada, no dia treze de maio, data oficial da Abolição da Escravatura, Neusa deixou registrado o quanto as questões raciais a afetavam e permaneciam presentes em seu pensamento e coração:

Nesses 120 anos, tivemos muitas vitórias, conquistamos muitas coisas, especialmente um amor por nós mesmos, uma alegria, um orgulho de sermos o que somos: brasileiros negros – negros de muitos tons de cor de pele, efeito da mistura, que é uma bela marca da sociedade brasileira.

Jurandir Freire Costa, em *Da cor ao corpo: a violência do racismo*, prefácio da primeira edição do Livro *Tornar-se Negro Ou As vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social* (1983), autorizou a publicação deste seu prefácio, em homenagem à autora, nesta edição da *Conversando com Amigos da Psicanálise 2*. Ao prefaciar esta obra inaugural e pioneira que colocou o debate sobre o racismo estrutural no interior do campo psicanalítico, era impossível prever que, na verdade, essa questão demoraria quase meio século para ser apropriada como uma problemática central que concernia a todos nós, psicanalistas negros e não negros e, necessitava ser amplamente debatida para a constituição de uma Psicanálise Brasileira. Podemos atribuir a essa lentidão – de quase meio século, na medida em que esse debate, só veio a se impor no meio psicanalítico, na segunda década do século XXI, após o suicídio de Neusa – uma, indubitável reponsabilidade, na resistência do campo psicanalítico em enxergar essa questão crucial – como um fator que teve peso, neste fim trágico da vida da própria autora – pois as palavras

desse prefácio deixam a nu todo o sofrimento que a discriminação racial inflige àqueles que são vítimas deste preconceito:

A violência parece-nos a pedra de toque, o núcleo central do problema abordado. Ser negro é ser violentado de forma constante, contínua e cruel, sem pausa ou repouso, por uma dupla injunção: a de encarnar o corpo e os ideais do ego do sujeito branco e a de recusar, negar e anular a presença do corpo negro (COSTA, 2021, p. 25).

Vamos tornar a leitura desse prefácio após quase meio século, um exercício não apenas para constatar sua dolorosa atualidade, mas também a oportunidade de não deixarmos passar, mais uma vez, a necessidade de reflexão sobre essa questão fundamental: que tipo de racista eu sou?

Porque se somos todos atravessados pelo racismo estrutural, que só existe através de seus operadores, essa indagação – proposta por Isildinha Baptista Nogueira⁷, é indispensável que cada um de nós coloque para si mesmo essa pergunta: que tipo de racista eu sou? Por cada um que desejar transformar, de uma vez por todas, essa realidade da presença viva do racismo estrutural, com toda a violência que ele traz embutida, desde os tempos coloniais, tempos em que ser negro era ser destituído de sua humanidade!

Isildinha Baptista Nogueira, em *Ouvindo Neusa Santos Souza*, faz o seguinte depoimento sobre seu encontro com Neusa, durante o colóquio, “O Estrangeiro”, no Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da PUC-SP (1994):

(...) Entre as muitas vozes de intelectuais e psicanalistas brasileiros e estrangeiros, lá estava Neusa Santos Souza, uma psicanalista negra; escutá-la era uma experiência única; alguém em quem pude me ver, a partir daquele momento não estava mais só (...) Tempos difíceis, em que o racismo estrutural era negado, não nos admitiam com facilidade, e sabíamos que éramos muito exigidas, mais do que os pesquisadores e analistas brancos o eram, afinal não eram espaços onde os negros devessem circular.

7. NOGUEIRA, Isildinha Baptista. Participação no Grupo de Estudos e Pesquisas: Conversando com Amigos da Psicanálise, 06 de junho de 2025. Disponível em: <www.cprj.com.br>.

Com essas palavras, Isildinha nos mostra o choque de realidade que representava ser uma psicanalista negra no Brasil e no ambiente acadêmico psicanalítico, em 1994. Certamente hoje, as coisas mudaram, um pouco... A própria Isildinha é uma psicanalista negra, muito respeitada, muito valorizada e solicitada nos espaços onde circulam os psicanalistas negros e não negros, ainda mais os não negros do que os negros, mas todos circulam com uma maior igualdade de condições. Sem sombra de dúvida, a abertura para o ingresso de psicanalistas negros nas sociedades de formação psicanalítica através de ações afirmativas ainda é um fato muito recente... Mas, estamos alguns passos à frente de onde nos encontrávamos em 1994, mas são só alguns passos... Precisamos avançar mais, muito mais ainda...

Kwame Yonatan Poli dos Santos, em *Ensaio sobre a “escuta com olhar” do estrangeiro frente à branquitude*, nos fala que em uma de suas últimas entrevistas, Neusa afirma que na psicanálise só é possível falar do sofrimento das pessoas negras de “um por um” – na absoluta singularidade, como cada pessoa negra vai elaborar suas próprias questões. E, neste sentido, Kwame considera importante se perguntar: o que a clínica psicanalítica pode realizar, de modo singular, diante dos efeitos subjetivos do racismo? E, para refletir sobre essa questão, considera fundamental definir o que compreendemos como racismo e, para tal, lança mão da definição dada por Neusa Santos Souza, a qual ele considera uma importante definição:

O racismo é essa peste, olhar odioso que afeta o Outro, visada de ódio e intolerância àquilo que funda sua diferença. Ódio e intolerância ao Outro, o racismo é essa maneira funesta de pensar e agir, fruto de uma vontade totalitária em seu duplo afã de extirpar do Outro seu modo de gozo e, ao mesmo tempo, de lhe impor o nosso (SOUZA, 1998, p. 163).

William Pereira Penna, em *Neusa Santos Souza, uma intelectual da afirmação*, fala em que consiste para ele, homenagear Neusa:

Assim, entendo que homenagear Neusa Santos Souza é valorizar e retomar a sua influência no hoje, o seu poder de impactar coletiva-

mente a vida de muitos de nós aqui. No meu caso, principalmente o seu trabalho originário e extremamente pertinente até os dias atuais com os distintos processos de tornar-se negras e negros. E também com a reverberação desta militância na construção de uma psicologia, psicanálise e psiquiatrias atentas aos sofrimentos e potencialidades específicas do povo negro no Brasil.

Com esta definição do seu lugar de fala afirmado em sua escrita, William aponta para as mudanças que, se não foram ainda tão estrondosas como gostaríamos que tivessem sido, ainda assim falam de pequenas e importantes mudanças que vêm ocorrendo, em relação à inclusão dos jovens negros e negras nos processos educacionais, no acesso ao ensino universitário e que, muito recentemente, também se faz presente em algumas instituições psicanalíticas, visando facilitar o acesso à formação analítica por jovens negros e negras!

Tema Livre

Carmen Da Poian, em *Psicanálise e Cultura – seu objeto*, se coloca a seguinte questão:

Como considerar a subjetividade e a sua continuidade dentro de tantas mudanças socioculturais que trazem novos valores que moldam o sujeito juntamente com suas alterações genéticas e com suas diferentes histórias individuais?

É, como coordenadora do Curso Psicanálise e Cultura no Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro há mais de quinze anos, atravessado pelo estudo e por leituras de autores diversos, tais como: Jean Pierre Lebrun, Dany Dufour, Christopher Lasch, Franco Berardi, Achille Mbembe, Gilles Lipovetsky, Byung-Chul Han, entre outros, que Carmen se autoriza a responder!

Luiza Moura, em *Ferenczi e as Mulheres*, nos brinda com um brilhante roteiro teatral, muito criativo e de sua autoria, escrito neste ano e encenado no XI Encontro Gaúcho sobre o Pensamento de D. W. Winnicott, no dia 28 de junho de 2025, em Porto Alegre. Neste roteiro, em seu consultório, Ferenczi recebe mulheres notáveis e cada uma se dirige a ele, num desenrolar

sucessivo de nove monólogos, que ao final guarda uma presença inesperada e no mínimo muito surpreendente...

Neusa Santos Souza, em *O estrangeiro*, interpreta o texto freudiano – *Das Unheimlich* (1919), com notável maestria, como fica perceptível em suas palavras, a seguir:

(...) Freud nos faz caminhar pelo termo alemão nos mostrando o encontro dos contrários. Na própria palavra *Heimlich*, que se traduz por “familiar”, encontram-se o familiar e o estranho. Seu sentido se desenrola em direção a uma ambivalência, chegando a um ponto paroxístico no qual coincide com seu oposto, *Unheimlich*. A tese do artigo é rigorosamente fiel a esse achado semântico; o estranho é aquela categoria do terrorífico que remete ao conhecido e familiar – um familiar e conhecido que se tornou alheio, alijado que fora pelo processo de recalque, um processo que, ao excluir, faz do excluído a região nuclear, centro pulsátil da experiência do sujeito. Para falar dessa região, “terra estranha interior”, Lacan inventou um nome – êxtimo, extimidade –, nome para designar, de uma maneira problemática, o real no simbólico. É que o simbólico que nos concerne, o simbólico que organiza a experiência analítica, abriga em sua estrutura uma heterogeneidade radical. É o real, o núcleo duro do real. No centro do dizer habita o que não se pode dizer, no universo feito de palavras há um mundo onde palavra alguma jamais pisou.

Neusa Santos Souza, em *Só e Bem Acompanhada*, ao ser entrevistada por Cristina Duba, Inês Lamy e Marta Rezende Cardoso, expõe a “constelação de acasos” que a conduziu ao seu posicionamento singular diante das Sociedades Psicanalíticas, e sua afirmação positiva como uma filosofia de vida, inspirada em Nietzsche:

(...) A minha posição é uma posição afirmativa na vida, onde não necessariamente para se afirmar como bom tem-se que dizer que o outro é ruim. Eu aprendi isso com Nietzsche. Para ele, só uma moral de escravos exige uma negação para vir a se produzir uma afirmação. Só escravos é que precisam negar o mestre para vir a afirmar, de segunda mão, alguma coisa.

Rosa Jeni Matz, em *Trauma em Lacan – Troumatisme*, nos aponta a seguinte direção no ensino de Lacan:

Mas qual o lugar da palavra no nível do trauma? O Outro inter-vém com o que lhe falta, significante da falta no Outro, um furo, sua lógica comporta um furo, um vazio, intervindo com o que lhe falta, não é completo. Lacan diz *troumatisme*, que é o furo no Outro, lugar do trauma, de todo trauma.

Vamos poder seguir, neste trabalho, apresentado por Rosa no Mutirão do Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro (2024), uma reflexão sobre a problemática do Trauma em Freud e do *Troumatisme* em Lacan, tão pertinente aos tempos traumáticos contemporâneos vividos seja no espaço da realidade cotidiana tanto nas Favelas Cariocas; em Gaza; no Irã; em Israel; na Ucrânia quanto nas telas de nossas televisões ou nas nossas redes sociais.

Boa leitura e um bom encontro, com nossos onze amigos da Psicanálise!

Comissão Editorial

Maria Theresa da Costa Barros, Lenita Cavalcante e Marcela Dumas

Referências

COSTA, J. F. Da cor ao corpo: a violência do racismo. In: SOUZA, N. S. *Tornar-se Negro Ou As vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. Prefácio de Maria Lúcia da Silva e Jurandir Freire Costa. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

FREUD, S. *O estranho* (1919). Rio de Janeiro: Imago, 1977. p. 275-314. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, 17).

NASCIMENTO, M.; BRANT, F. *Canção da América* (1979) – Música composta por Milton Nascimento e Fernando Brant para homenagear um amigo, 1979.

NASCIUTTI, L. F. *Tornar-se Neusa: raça, memória e subjetividade a partir da trajetória e obra de Neusa Santos Souza*. 2024. 474 f. Tese (Doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Ciências Sociais.

NOGUEIRA, I. B. *A cor do inconsciente: significações do corpo negro*. São Paulo: Perspectiva, 2021.

_____. *Grupo de Estudos e Pesquisas: Conversando Com Amigos da Psicanálise*, 06 de Junho de 2025. Disponível em: <www.cprj.com.br> seção de vídeos, 2025.

PENNA, W. P. *Escrevivências das memórias de Neusa Santos Souza: apagamentos e lembranças negras nas Práticas Psis*/William Pereira Penna; Arthur Arruda Leal Ferreira, orientador; Abrahão de Oliveira Santos, coorientador. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ, 2019.

SOUZA, N. S. (1983). *Tornar-se Negro Ou As vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. Prefácios de Maria Lúcia da Silva e Jurandir Freire Costa – 1ª ed. – Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

_____. (1990). *A psicose: um estudo laciano*. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

_____. Só e bem acompanhada. Entrevista realizada por Adriana Salgado, Cristina Duba, Inês Lamy e Marta Rezende Cardoso, *Cadernos de Psicanálise*, Sociedade de Psicanálise da Cidade do Rio de Janeiro (SPCRJ), ano 8, n. 11, p. 76-86, 1990.

_____. O estrangeiro: nossa condição. In: KOLTAI, C. (Org.). *O estrangeiro*. São Paulo: Escuta, 1998.